

A FOME EM CAROLINA MARIA DE JESUS E JOSUÉ DE CASTRO - ENTRELAÇAMENTOS ENTRE GEOGRAFIA CRÍTICA E GEOGRAFIA LITERÁRIA

Hunger in Carolina Maria de Jesus and Josué de Castro – Interweaving Critical Geography and Literary Geography

Amanda Rech Brands

Graduanda em Geografia (Bacharelado) na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) – Campus Camobi. Bolsista no Laboratório de Ensino e Pesquisa em Geografia e Humanidades (LEPGHU) do Departamento de Geociências da UFSM.

amanda.rech@acad.ufsm.br

Natália Lampert Batista

Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria. Professora Adjunta no Departamento de Geociências e no PPPGeo e Coordenadora dos Cursos Presenciais de Geografia Licenciatura e Geografia Bacharelado da UFSM.

natalia.batista@ufsm.br

Pedro Leonardo Cezar Spode

Graduação em Geografia (Licenciatura Plena e Bacharelado) pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e Mestrado em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO - UFSM). Atualmente é Doutorando em Geografia (PPGEO - UFSM).

pedrospode@gmail.com

Recebido: 04/10/2024
Aceito: 28/11/2025

Resumo

A Geografia, enquanto ciência social, historicamente mantém relação com a Literatura, embora essa ligação venha enfraquecendo ao longo do tempo. Nesse sentido, esse texto tem como objetivo fortalecer o vínculo entre Geografia e Literatura, evidenciando o potencial e a validade científica de ambas. Para isso, utilizou-se Quarto de Despejo como obra literária e Geografia da Fome como livro acadêmico. O objetivo geral do trabalho foi traçar um entrelaçamento entre a Geografia e a Literatura, legitimando o uso de produtos literários na produção científica geográfica e evidenciando a fome enquanto objeto de análise geográfica nos livros de Jesus (2020) e Castro (2022). Metodologicamente, empregou-se a Análise Textual Discursiva, para entrelaçar as obras e originar um novo texto. Verificou-se a proximidade entre a obra literária e a científica, sobretudo na temática da fome e no contexto histórico de suas publicações. Foi possível identificar relações entre as obras quanto à precisão do quadro alimentar, à influência da política em relação à pobreza e à manutenção da estrutura desigual do Brasil. Ressalta-se que o entrelaçamento entre Geografia Literária e Geografia Crítica permite um amplo entendimento das condições socioespaciais dos grupos sociais, aqui retratado na problemática da fome e da pobreza.

Palavras-chave: Geografia, Literatura, Direito à Literatura, Pobreza.

Abstract

Geography, as a social science, has historically maintained a relationship with Literature, although this connection has weakened over time. In this sense, this text aims to strengthen the link between Geography and Literature, highlighting the potential and scientific validity of this connection. For this, Quarto de Despejo was used as a literary work and Geografia da Fome as an academic book. The main goal of this study was to weave a connection between Geography and Literature, validating the use of literary works in geographical research and shedding light on hunger as a subject of geographical analysis in the books by Jesus (2020) and Castro (2022). Methodologically, Análise Textual Discursiva was used to intertwine the works and create a new text. It was found that there is a proximity between literary and scientific work, especially in the themes of hunger and in the historical context of their publication. It was possible to identify relationships between the works in the precision of the food picture, in the influence of politics on poverty and on the maintenance of Brazil's unequal structure. It is noteworthy that the intertwining of Literary Geography and Critical Geography enables a broad understanding of the socio-spatial conditions of social groups, as portrayed here in the issue of hunger and poverty.

Keywords: Geography, Literature, Right to Literature, Poverty.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho se apresenta como uma síntese, na qual almeja-se de forma central estipular um novo vínculo entre Literatura e Geografia, mais especificamente, entre Geografia Literária e Geografia Crítica. Para isso, foram utilizadas como base as obras “Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada”, da autora negra Carolina Maria de Jesus (2022), em conjunto com “Geografia da Fome - O Dilema Brasileiro: Pão ou Aço”, do geógrafo Josué de Castro (2023). Assim, o objetivo geral do trabalho foi traçar um entrelaçamento entre a Geografia e a Literatura, legitimando o uso de produtos literários na produção científica geográfica, e evidenciando a fome enquanto produto de análise geográfica nos livros de Jesus (2020) e Castro (2022).

Parte-se da concepção de que Geografia e Literatura, bem como outras expressões artísticas, eram áreas próximas que apresentavam resquícios umas das outras em seus trabalhos no que é concebido aqui como o Período Pré-Científico da Geografia. Este momento foi encerrado com a ascensão do positivismo que tomou o cenário científico durante o século XVIII (Moraes, 1981) e no qual a Ciência Geográfica foi instituída ganhando espaço e reconhecimento, afastando-se dos aspectos literários. Afastamento que vem se tornando gradativamente mais incômodo entre pesquisadores da Geografia que compreendem a necessidade do movimento de retomada do potencial literário na área.

Este fator culminou no surgimento das abordagens da Geografia Literária que, no Brasil, começaram a se expressar a partir dos escritos Pierre Monbeig, durante a década

de 1940 (Suzuki, 2017) que traziam o potencial enriquecedor que poderia ser fornecido pela Literatura para a Geografia ao interligar ambas as áreas. Noções que vieram a se firmar em meados de 1970 (Suzuki, 2017), nas universidades brasileiras, especialmente na Universidade de São Paulo, com destaque para as pesquisas elaboradas por Carlos Augusto Figueiredo Monteiro, durante os anos de 1980 (Monteiro, 2002).

Desde então trabalhos que partem deste viés vem sendo produzidos, escancarando as diversas possibilidades existentes ao se vincular Geografia e Literatura, como pode ser observado na publicação do pesquisador Júlio César Suzuki (2017). Neste trabalho Suzuki (2017) traz as cinco abordagens dominantes, mas não unas e imutáveis, presentes nas últimas pesquisas que incorporaram Geografia e Literatura, sendo elas: 1) Geografia Humanista, Cultural e Fenomenológica; 2) Geografia e Estética Literária; 3) Literatura e Ideologias; 4) Reprodução das Relações Sociais; E 5) Geografia, Literatura e Ensino.

Considerando tais informações, para realizar a proposta geral de estipulação de um novo laço entre Geografia e Literatura, optou-se por trazer à pesquisa uma retrospectiva das transformações ocorridas na Geografia, partindo do Período Pré-Científico até o momento de instituição da corrente da Geografia Crítica, apontando as transformações ocorridas ao longo das décadas. Isso permitiu a compreensão, mais acurada, das diferenças existentes em cada um dos pensamentos geográficos já perpassados até a chegada desta corrente em específico, seus ideais de pesquisa, bem como seus contextos históricos os quais foram fatores determinantes para as mudanças.

Seguido de uma breve discussão acerca do conceito de Direito à Literatura, proposta por Antônio Cândido (1995), que coloca o acesso a Literatura e a cultura como ferramentas humanizadoras que devem ser de comum acesso à sociedade no geral, visão a qual serve como elo entre a Geografia Crítica e a Literatura. Assim, elaborou-se um levantamento da estruturação da Literatura Brasileira, caracterizando seus períodos e expondo seus principais autores e obras, diferenciando os Gêneros Textuais e os Gêneros Literários. Organização esta que corrobora para a exposição do potencial geográfico inserido em obras literárias.

Desse modo foi aplicada a Análise Textual Discursiva (ATD), metodologia a qual se optou para ser empregada ao livro “Quarto de Despejo” (Jesus, 2020), na posição de obra literária em formato de diário, unindo-o a aspectos da obra de Josué de Castro (2022) enquanto livro acadêmico. Tal metodologia que aqui permite a estipulação de um entrelaçamento visto que possui como resultado, após a aplicação de todas as suas demais

etapas, a criação de um novo produto, unindo os textos escolhidos, sendo capaz de exprimir as confluências entre Literatura e Geografia.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Para o desenvolvimento de todos os pontos citados na seção anterior, no que tange a fundamentação teórica, ao se tratar das transformações que ocorreram na Geografia da Antiguidade a sua configuração atual, ou seja, para o desenvolvimento de uma linha análise das transformações do pensamento geográfico atrelado a Literatura, utilizou-se centralmente autores como Agostinho Paula Brito Cavalcanti e Adler Guilherme Viadana (2010) e, especialmente, Antonio Carlos Robert Moraes (1981). Esta retrospectiva corrobora para o entendimento do processo de desvinculação da Literatura e da Geografia, mas também especifica o uso da Geografia Crítica neste trabalho.

Ao falar de Literatura delimitou-se a compreensão do que viria a ser esta área por meio da definição de Antonio Candido (1995), compreendendo-a para assim traçar a sua união com a Geografia. Partindo deste ponto para a caracterização da Literatura Brasileira, seus principais aspectos nas narrativas, período histórico e autores, desde a escrita informativa da Época Colonial até os dias atuais, com base no livro “História Concisa da Literatura Brasileira”, de Alfredo Bosi (2022), simultaneamente à obra “A Literatura no Brasil: Introdução Geral”, de Afrânio Coutinho (2004).

Além destas transformações desencadeadas no decorrer da formação tanto da Geografia, quanto da Literatura, outro ponto necessário para a construção da pesquisa se encontra na diferenciação entre os Gêneros Textuais (Marcuschi, 2005) e os Gêneros Literários (Coutinho, 2004). Visto que se trata de um resgate do uso literário pela Geografia através de um diário associado a um livro acadêmico, existe uma indispensabilidade de evidenciar a configuração estrutural e as distintas classificações presentes dentro de cada um dos gêneros.

2.1. Geografia: Um breve retrospecto de suas transformações

Para iniciar a retrospectiva das mudanças desencadeadas na Geografia, cabe primeiramente partir do Período Pré-Científico, em que não apenas a Literatura esteve associada à produção dos conhecimentos da área, como demais expressões artísticas também estiveram. O que pode ser demonstrado, por exemplo, através de expressões como as deixadas em vestígios como o Mapa de Ga-Sur, que evidencia o uso conjunto entre arte e Geografia pela necessidade humana de se localizar e se entender no espaço.

Para além disso, adiante na escala temporal, já se tratando de ensinamentos produzidos na Grécia Antiga, pode-se citar importantes figuras que construíram conhecimento geográfico mesclando-o a aspectos artísticos, matemáticos, entre outros, antes de que houvesse uma padronização para esta produção. Estão entre estes estudiosos nomes como o de Estrabão, responsável por publicar a coleção “*Geographia*”, Eratóstenes, conhecido por seus cálculos da circunferência terrestre, ou Ptolomeu, através de sua teoria geocêntrica (Cavalcanti; Viadana, 2010).

Este período perdurou até meados do fim do século XVIII (Moraes, 1981), momento no qual uma Geografia científica, instituída por meio de técnicas e metodologias, começou a se moldar. Fator este influenciado pelo contexto da época, em que o modelo capitalista teve o início da sua implementação na Alemanha e, em decorrência da expansão e desenvolvimento deste sistema, havia a demanda de entendimento acerca do seu território e de sua organização, bem como de estudos acerca da apropriação e dominação de demais espaços, para um melhor desenvolvimento do país nos moldes do capitalismo.

Por meio do incentivo destes estudos e de nomes como Alexander Von Humboldt, pesquisador naturalista e explorador responsável por catalogar variadas paisagens em escritos de tom literário, estipulando a Geografia como uma “ciência de síntese” (Moraes, 1981), e Karl Ritter, que se atribuiu do método comparativo ao analisar diferentes paisagens através de seus aspectos individuais (Alves; Neto, 2009), que a Geografia passou por sua sistematização inicial. Procedimento que corroborou para a formação de temários dentro da área, declinando-lhe um caráter científico inicial e gerando certa autonomia na época.

Tais temários sofreram influências não apenas dos geógrafos Humboldt e Ritter na sua delimitação, como de demais áreas do conhecimento que corroboraram para a divisão dos temas estudados pela Geografia. Dentre estas outras áreas, podem-se citar a Filosofia, e sua busca pelo entendimento do mundo, e a Economia com estudos direcionados à vida social. No entanto, a efetivação científica dos temários ocorreu apenas com o aparecimento das pesquisas e teorias evolucionistas propostas por Darwin e Lamarck que nortearam os geógrafos naturalistas nas questões ambientais (Moraes, 1981).

Estes pontos, quando unidos à consolidação do Positivismo e, consequentemente, as suas noções de que se chegaria a resultados verídicos apenas por meio da experimentação e da aplicação de métodos científicos, deram embasamento à primeira corrente geográfica. A Geografia Tradicional, que se utilizou de pressupostos como a objetividade, análise empírica de fenômenos físicos, e se restringiu unicamente a questões visíveis, palpáveis e mensuráveis como sendo as capazes de exprimir veracidade.

Dentro da Geografia Tradicional, na Alemanha, Friedrich Ratzel continuou a sistematização da área dando-lhe um aspecto mais humanístico e mantendo naturalismo, mas com foco recaído sobre o desenvolvimento do Estado Nacional, por parte do geógrafo isso ocorreu por meio da antropogeografia que auxiliou teoricamente o expansionismo alemão. Na França, Vidal de La Blache surge trazendo consigo pesquisas que uniram as ações humanas com o meio e suas consequências na paisagem a fim de fundamentar o expansionismo francês, com características naturalistas (Moraes, 1981).

As mudanças que ocorreram ao redor do mundo nos anos que se seguiram e que refletiram na ciência foram escancarando a inflexibilidade da Geografia Tradicional e sua obsolescência, fazendo com que, apenas nos anos 1950, se desse início em uma transição para outras linhas de pensamento que estavam se expressando na época. Surgindo dessa forma a Nova Geografia, denominada por vezes como Geografia Teórica, Quantitativa, ou Pragmática, concomitantemente ao aparecimento introdutório de uma Geografia Nova, chamado de Geografia Ativa ligada às escolas francesas e a figura de Pierre George, conhecida atualmente como Geografia Crítica ou Radical (Becker, 2006).

A Nova Geografia, apesar de suceder a corrente da Geografia Tradicional em uma escala temporal, não representa uma reconfiguração completa do modelo de pensamento geográfico anterior, visto que partiu de um Neopositivismo, com análises do espaço realizadas por indução, cessando com a produção escrita em tom literário. Esta linha de raciocínio tinha como concepção que o verdadeiro conhecimento seria adquirido apenas por meio de técnicas matemáticas, estatísticas e de mensuração, ocasionando em uma redução considerável dos estudos que a área poderia abranger (Moraes, 1981).

Em movimento contrário a essa visão, a Geografia Crítica, consolidada aproximadamente nos anos de 1970 (Moraes, 1981), trazia consigo uma maior preocupação com os assuntos sociais que permeiam o espaço geográfico, partindo de uma perspectiva humana e de viés político, fundindo tal raciocínio com os cientistas de outras áreas como filosofia e sociologia para agregar conhecimento. Além de direcionar pesquisas para entender os fatores que impulsionam as crises humanas, econômicas, políticas, ou de saúde, reflexos do sistema capitalista que posiciona “[...] os seres humanos das classes mais baixas como produtos descartáveis que não necessitam de acesso a direitos humanos básicos” (Brands, 2023, p.19).

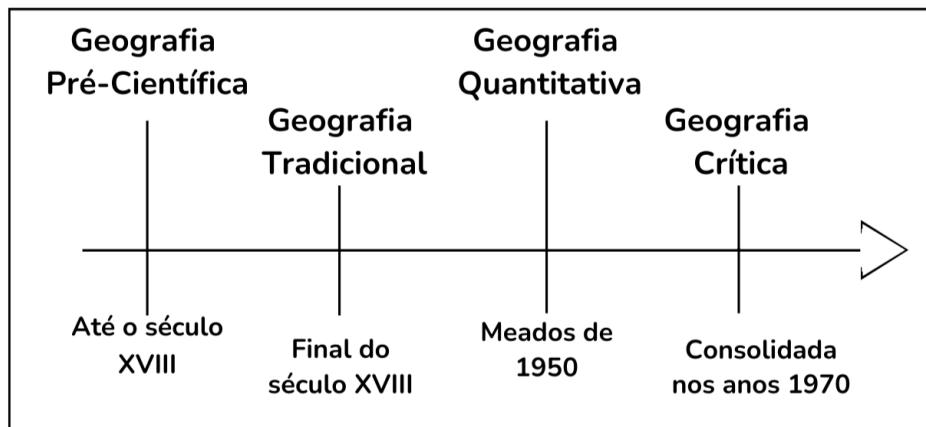


Figura 01 - Correntes Geográficas.

Fonte: Adaptado de Moraes, 1981.

Para além da simples representação da Figura 01, destacam-se a importância de outras correntes geográficas existentes, como as Geografias Anarquista, Neomarxista, e a Humanista. Visto que, as inúmeras e distintas abordagens presentes em um campo tão vasto, quanto o da Geografia, não são restritas apenas aos quatro momentos aqui mencionados e não seguem uma linearidade temporal fixa em suas transformações, por muitas vezes coexistindo entre si. No entanto, para a construção desta pesquisa optou-se por não aprofundar as demais correntes teóricas em razão do trabalho se pautar por uma construção da Geografia Crítica.

2.2. O Direito à Literatura

Para dar continuidade, neste momento focando no segmento direcionado a Literatura, inicia-se atribuindo uma definição, delimitando a maneira a qual será trabalhada, partindo dos escritos de Antonio Candido (1995) que a coloca que a Literatura está presente em todas as formas de criação com um toque poético, ficcional ou dramático, atravessando diferentes sociedades e culturas. Ela se manifesta tanto nas narrativas populares, como em outras expressões, ou seja, no folclore, nas lendas e nos chistes, como também nas expressões mais sofisticadas da escrita nas grandes civilizações. “Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação” (Candido, 1995, p. 242). Sob essa perspectiva, a Literatura se revela como uma necessidade universal, algo essencial à experiência humana em qualquer tempo e lugar como defende o autor.

Uma conceituação um tanto quanto ampla, capaz de abranger além do que apenas a Literatura escrita, mas também aquela dispersa pela oralidade, capacidade que surgiu em

conjunto com a comunicação humana, intimamente ligada a necessidade de fabulação, escapes da realidade, que é tão inerente aos seres humanos. Deste modo, configura-se como uma ação indispensável para os indivíduos, entretanto no formato escrito, de livros, tornou-se produto comercializável, um artigo de luxo inacessível a grande parte da população.

Dessa forma, especialmente por ter propriedades como as estipuladas por Cândido (1995):

[...] (1) ela é uma construção de objetivos autônomos como estrutura e significado; (2) ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; (3) ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente (Cândido, 1995, p. 244).

Assim, uma demanda tão essencial que pode carregar várias facetas e trazer consigo um potencial humanizador, como é a Literatura, deve ser estabelecida como um direito humano acessível a todos, inclusa nas lutas sociais (Cândido, 1995). Visão a qual a coloca dentro das problemáticas socioespaciais, visto que se encaixa como um, entre tantos, os bens que são negados a população trabalhadora explorada no sistema capitalista, que podem vir a ser abarcados pela Geografia Crítica, integrando dessa forma ambas as áreas.

Ademais, a Literatura se comporta como uma poderosa ferramenta de denúncia da realidade, capaz de ir além da simples expressão de crenças, normas e sentimentos dos autores. Ela atua como um instrumento humanizador, tocando profundamente o leitor. Nesse sentido, a literatura estabelece um diálogo entre quem escreve e quem lê, estimulando o senso crítico e ampliando a compreensão do mundo e da sociedade. Esse potencial transformador também deve ser valorizado e incorporado pela Geografia (Brands, 2023).

Para agregar tal potencialidade a Geografia resta entrelaçá-la a Literatura, primeiramente construindo um retrospecto dos períodos literários brasileiros e dos gêneros textuais e literários, aprofundando o conhecimento na área para, após isso, tratar da capacidade geográfica presente na Literatura, neste caso com o uso de “Quarto de Despejo” (Jesus, 2022).

2.2.1. A Literatura Brasileira

A Literatura Brasileira, que é todo “[...] o conjunto de obras literárias produzidas no Brasil em língua portuguesa desde os tempos coloniais” (Coutinho, 2004, p. 130), pode ser dividida em sete distintos períodos, partindo do barroco até as tendências atuais, conforme

emprega Alfredo Bosi (2022), o qual não considera a produção informativa do Período Colonial, unindo-os às características mencionadas por Coutinho (2004). No entanto, é entendido que, mesmo não sendo elencado como um período literário, antes e durante a época colonial houve produções literárias em território brasileiro por parte da comunicação oral dos povos indígenas que habitavam as terras.

Sabendo-se disso, optou-se por utilizar os conjuntos delimitados por Alfredo Bosi (2022), visto que as delimitações de Afrânio Coutinho (2004a) se dão de forma extensa, com abordagens de vários teóricos da literatura para se falar de cada período, e por se tratar de um estudo historiográfico dos períodos literários com o direcionamento para pesquisas com maior enfoque em Literatura. Desse modo, decidiu-se manter os conjuntos de Bosi (2022) por ser uma obra mais concisa, concentrada em um único livro, em razão do foco do trabalho desenvolvido ser propenso muito mais à área da Geografia, não tanto da Literatura em si. Além disso, ressalta-se que não serão utilizados os períodos literários de Antonio Cândido (1981), por estes terem sido elencados por uma visão sociológica e não historiográfica.

Desse modo, ficam então delimitados os sete períodos literários brasileiros, como na Figura 02 abaixo, mesmo que exista a noção de literatura oral dos povos originários dentro do período colonial, fundindo as características apontadas por Bosi (2022) as de Coutinho (2004) ao se caracterizar tais períodos. Visto que ambos os teóricos possuem delimitações próximas partindo de uma periodologia estilística, em que consideram as características sociais e históricas, divergindo apenas em dois quesitos, quanto a Formação Colonial de Bosi, já que para Coutinho a literatura não deve ser empregada a política, e quanto ao Pré-Modernismo colocado por Bosi, período de transição tido para Coutinho como sendo de Regionalismo (Seckler, 2005).

Durante a Formação Colonial (Bosi, 2022), as produções escritas dos colonizadores buscavam compreender a terra invadida, destacando aspectos geográficos e sociais. O *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*, de Gabriel Soares de Sousa (1971), exemplifica essa abordagem ao descrever paisagens, solo, corpos hídricos e povos indígenas, além da implantação de engenhos e igrejas. Esse período, marcado pela exaltação das características brasileiras, estendeu-se do século XV ao XVII, quando a influência do Barroco Europeu passou a se refletir nos escritos nacionais.

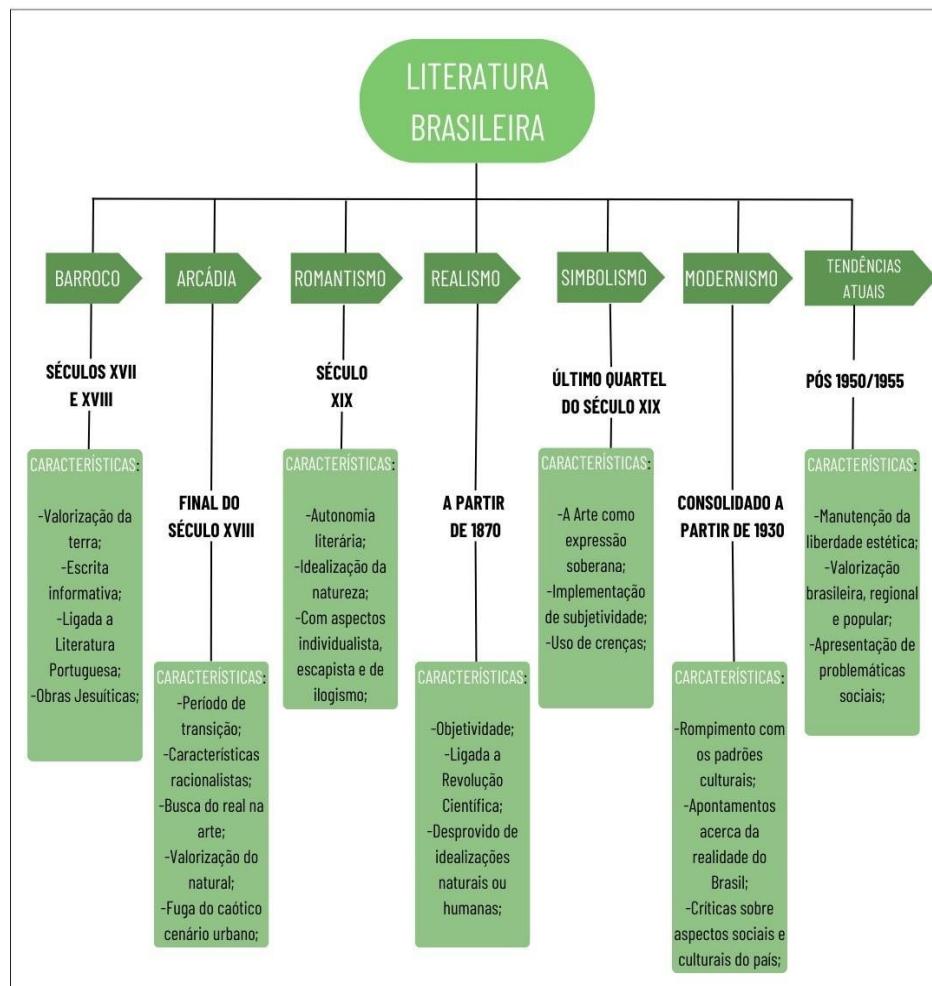


Figura 02 - Períodos Literários no Brasil.

Fonte: Adaptado de Bosi, 2022.

Deste modo, o Barroco Brasileiro, influenciado pelo Barroco Europeu, surge no século XVII, perdurando até o século XVIII, mantendo a exaltação da terra nos escritos, resquícios da produção colonial, sofrendo grande influência da Literatura Portuguesa, sem possuir autonomia, caracterizado pelas obras jesuíticas (COUTINHO, 2004). Dos autores deste período destacam-se Antônio Vieira, Botelho de Oliveira, Gregório de Matos e José de Anchieta, trazendo em suas obras fé e racionalismo, e questões historiográficas e naturais.

Ao final do século XVIII até o começo do século XIX, o Arcadismo se manifestou em aspectos como um forte racionalismo, atribuição da natureza como arte, com um realismo acentuado, impondo às narrativas uma simplicidade e valorização de cenários naturais como escape da desorganização urbana que vinha ocorrendo. Entre os nomes da época estavam Basílio da Gama, Cláudio Manuel da Costa e Santa Rita Durão que deram os primeiros passos para a futura criação de uma identidade cultural brasileira, incentivada pelo fortalecimento do discurso de independência (Bosi, 2022).

Estes primeiros resquícios de uma identidade plenamente nacional na Literatura, sem influência europeia, se consolidaram durante o século XIX, bem como a independência brasileira de Portugal, culminando no aparecimento do Romantismo, primeiro período literário verdadeiramente brasileiro (Coutinho, 2004). No Romantismo, a natureza, agora idealizada, age sobre o ser humano (Bosi, 2022), trazendo vestígios de escapismo da realidade, individualismo do ser e ilogismo, incluindo aspectos de exagero e do pitoresco, período este que é dividido em cinco momentos (Coutinho, 2004).

O primeiro momento, conhecido como Pré-Romantismo, foi dos anos de 1808 a 1836, buscava uma literatura homogênea, abrindo espaço para aspectos jornalísticos, de lirismo e oratória, através de escritores como José Bonifácio de Andrada e Silva e Frei Francisco de Mont'Alverne. Já a Primeira Fase, denominada também como Grupo Fluminense, ocorreu de 1836 até 1840, inseriu maior espiritualidade nas obras da época, ao mesmo tempo que ocorria um crescimento científico, sociológico, histórico e filosófico, destacando autores como Gonçalves de Magalhães e Manuel de Araújo Porto Alegre (Coutinho, 2004).

Seguida pela Segunda Fase, ou Fase de Indianismo, que ocorreu até 1850, com o uso de personagens indígenas como engrandecimento nacionalista por meio das obras de Almeida Braga, Frei Antônio e Gonçalves Dias. Dando continuidade, a Terceira Fase, chamada de Fase do Ultrarromantismo ou de Mal do Século, que foi de 1850 a 1860, abordando temas com negatividade, individualismo, cinismo e subjetivismo, expresso nas obras de Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu e Junqueira Freire. E, por fim, a Quarta Fase, a Fase Liberal e Social, que se estendeu até 1870, trouxe um tom realista de maior posicionamento político, em obras de José de Alencar e Castro Alves (Coutinho, 2004).

Após os anos de 1870, o Realismo demarca o cenário literário e, sob influência direta do fortalecimento científico que houve na época adquirida de cientistas como Comte, Ratzel e Darwin (Coutinho, 2004), há um afastamento das idealizações, tanto da natureza, quanto do indivíduo (Bosi, 2022). Dos autores de destaque tem-se Aluísio de Azevedo, Raul Pompéia e Machado de Assis. O próximo período, o Simbolismo se deu no último quartel do século XIX durante um breve momento (Bosi, 2022), retoma o uso da arte e tenta quebrar com o extremo uso racionalista, por meio de escritores como Alphonsus de Guimaraens e João da Cruz e Sousa.

Durante o início do século XX, o Pré-Modernismo surge tratando-se temáticas que envolviam a realidade brasileira, social e cultural, de forma crítica (Bosi, 2022), autores notórios do período foram Euclides da Cunha, Lima Barreto e Graça Aranha. O surgimento em si do Modernismo veio por meio da Semana de Arte Moderna de 1922, e tal como o

evento, almejava a inserção de novos parâmetros culturais, sem definições pré-concebidas e estáticas, tentando retomar uma cultura brasileira independente (BOSI, 2022), através de escritores como Manuel Bandeira, Oswald de Andrade e Mário de Andrade.

No entanto, o movimento se consolidou após a década de 1930, se inserindo dentro das Tendências Atuais (Bosi, 2022), continuando a expor as problemáticas nacionais em seus enredos e perpetuando a independência cultural nacional, presentes nos escritos de Cecília Meireles, Graciliano Ramos, especialmente em *Vidas Secas*, e José Lins do Rego, na saga do Ciclo da Cana de Açúcar. Por volta de 1950/1955, a forte expressão nacionalista é retomada, trazendo questões de população e de regionalismo, visto em autores como Ariano Suasuna.

2.2.2. Gêneros Textuais e Literários

Quanto aos Gêneros Textuais, segundo Marcuschi (2008), estes podem ser delimitados com relação às suas funções, sejam elas comunicativas, cognitivas ou institucionais, sem relação com sua estrutura, mas sofrendo influência direta dos Tipos Textuais. Os Tipos Textuais podem ser de Argumentação, Descrição, Exposição, Injunção e Narração, conjuntos que permitem o surgimento de inúmeros Gêneros Textuais, expressando variadas funções comunicativas, de maneira escrita, não verbal ou oral, como exemplo pode-se citar artigos científicos, mensagens de *WhatsApp*, resenhas, receitas, telefonemas, livros acadêmicos, dentre uma infinidade.

Os Gêneros Literários, por sua vez, são detidos apenas nas produções de cunho literário, de expressões artísticas, com caráter emocional, que não seguem estruturas pré-definidas, nem padrões de escrita. Separados em sete grupos (Coutinho, 2004), Poesia Lírica, com traços subjetivos e emocionais, Epopeia, de poesias, Ficção, das crônicas e romances, Teatro, Crônica, com prosas e informalidade, Memórias e Diários, com domínio narrativo, tal qual “Quarto de Despejo” (Jesus, 2020) narrando o cotidiano da autora.

3. METODOLOGIA

A Análise Textual Discursiva (ATD), proposta por Moraes e Galiazzi (2016), foi empregada para unir o livro literário de Carolina Maria de Jesus (2020) ao livro acadêmico “Geografia da Fome” (Castro, 2022), desencadeando em um novo produto derivado de ambas as obras. No entanto, antes de abordar os resultados cabe destacar sucintamente as quatro etapas que compõem o método utilizado e seus processos.

Para a aplicação da ATD, conforme demonstra o esquema presente na Figura 03, inicia-se com a Desmontagem do Texto, em que o texto é lido e adquire uma significação atribuída pelo leitor e sua bagagem teórica, se analisa conjuntamente o *corpus* e os documentos que corroboram para o entendimento da obra de forma aprofundada, evitando distorções e equívocos, que estão relacionados com a vida do autor, seu contexto, depoimentos, entre outros. Para então desconstruir a estrutura do texto, examinando-a para separá-la em unidades focadas no objetivo da análise, finalizando com o envolvimento e impregnação, expandindo o texto para novas ideias.

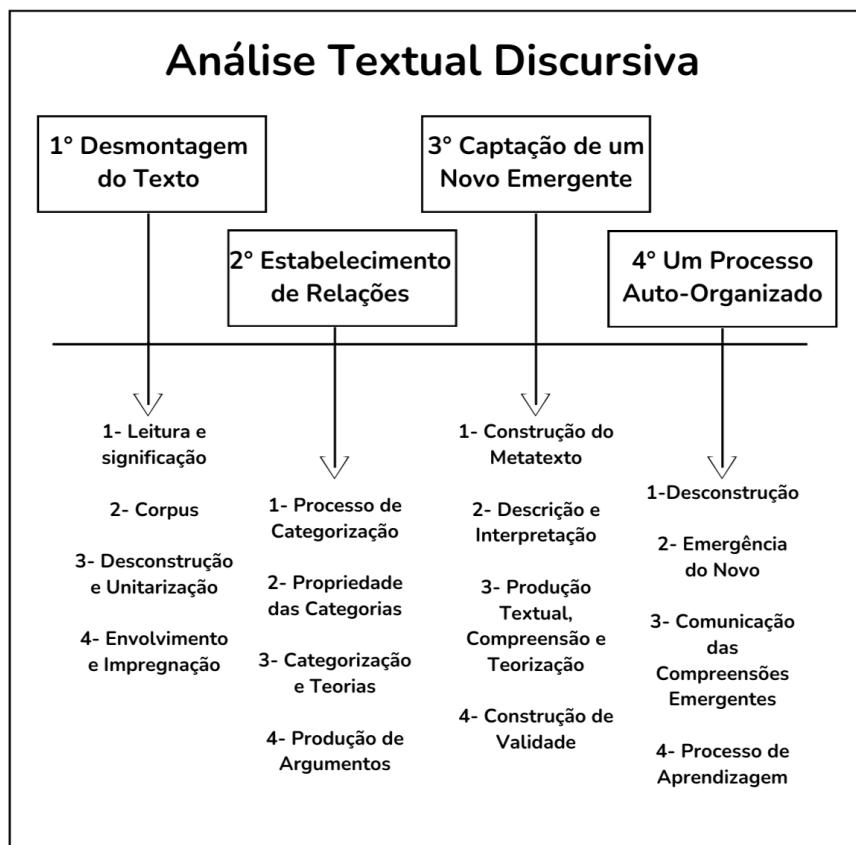


Figura 03 - Etapas da Análise Textual Discursiva.
Fonte: Adaptado de Moraes e Galiazzi, 2016.

A partir disso parte-se para a segunda etapa, de *Estabelecimento de Relações*, em que, do processo de desconstrução, se agrupam categorias derivadas das unidades desconstruídas, separando-lhes de acordo com propriedades distintas que auxiliam em interpretações alternativas do texto. De forma que resulte na criação de teorias ao entorno da divisão das categorias e, finalizando, na formulação de argumentos em torno destas, embasando, ao final, o novo produto que será gerado.

No terceiro momento, na *Captação de um Novo Emergente*, começa a produção do *metatexto* desenvolvido diante de “teses gerais” ligadas às categorias que dão margem aos argumentos, trazendo uma interpretação e descrição através de citações e do detalhamento da obra de forma imparcial. Para assim dar origem à escrita do novo produto textual, o *metatexto*, com uma construção da validade adquirida de argumentos críticos, de fundamentação, da concretude textual e da sua inserção à realidade, “[...] dando espaço para que novas noções surjam com nitidez e rigor científico” (Brands, 2023, p. 35).

E, por último, na etapa de *Processo Auto-organizado*, há uma nova desconstrução para se perder as concepções existentes, abrindo para ideias ainda não concebidas, desencadeando percepções ainda não tidas, necessitando, mais uma vez, de uma criação de argumentos para a emergência do novo, comunicando o argumento central do estudo de maneira nítida. Este procedimento parte do conhecimento íntimo do pesquisador para com a obra analisada, para entendê-la de variadas perspectivas, consequentemente, produzindo conhecimento.

Assim, ao empregar a ATD a “Quarto de Despejo” (2020), em um primeiro momento houve a releitura da obra, analisando, assimilando o livro à “Geografia da Fome” (2022) e desconstruindo-a em forma de fichamento, conjuntamente com o consumo de materiais relacionados a vida e obra da autora. Durante a segunda etapa, a categorização foi realizada seguindo os meses e anos descritos por Carolina em seus diários, focando em sua alimentação, para traçar argumentos partindo dos escritos de Josué de Castro (2022) e o parâmetro alimentar brasileiro, especialmente a questão da subnutrição presente na Região Central.

Para a *Captação de um Novo Emergente*, traçaram-se algumas premissas entre ambos os livros para a escrita do metatexto, paralelos passíveis de argumentação fundamentada permitindo relacionar as obras. No *Processo Auto-organizado*, conhecendo-se intimamente o texto e sua realidade, as novas ideias permitem a construção de um *metatexto* coerente, mantendo-o válido cientificamente e, consequentemente, desencadeando em um novo conhecimento acerca da temática pesquisada.

4. DIÁRIO DA FOME: ANÁLISES A PARTIR DE CAROLINA MARIA DE JESUS E JOSUÉ DE CASTRO

Mediante os materiais de Carolina Maria de Jesus (2020) e Josué de Castro (2022), tem-se duas perspectivas de um mesmo fenômeno duramente detalhado, uma acadêmica

e outra literária, da fome no Brasil, neste caso na Região Sudeste, especificamente, em São Paulo, desencadeando em uma confluência de perspectivas.

No que tange “Quarto de Despejo: Diário de Uma Favelada” (2020), publicado em 1960, a autora Carolina Maria de Jesus denuncia a realidade do cotidiano na Favela do Canindé em seus diários dos anos de 1955, 1958, 1959 e 1960, trabalhando como catadora de papéis enquanto tenta sobreviver em seu barracão ao lado de seus três filhos. Dada a fragilidade da vida dos habitantes do Canindé, Carolina, com revolta e tristeza, expõe particularmente a grave situação de fome, falta de saneamento básico, violências rotineiras, e até mesmo o falecimento de algumas pessoas, enquanto enfrenta discriminações por residir na favela e as dificuldades de uma mãe solo ali inserida.

Na pequena apresentação do livro, chamada “Favela, O Quarto de Despejo de uma Cidade”, são passados os aspectos gerais da obra em uma página única, apontando que Carolina migrou da cidade de Sacramento, no estado de Minas Gerais, para São Paulo onde, após consecutivas desventuras, viria a morar na Favela do Canindé, a primeira ocupação irregular da cidade. Antes do processo de desocupação, cenário sempre presente nas falas da autora, este retrato nú da favela pelos olhos de uma pessoa favelizada trouxe para o cenário popular o outro lado do Brasil, o lado da fome e da miséria, da escassez, das desigualdades escancaradas que se manifestam no cenário urbano, resultante de forte movimento migratório dos pobres no país, aspectos estes que corroboraram para o sucesso da obra, tornando-a um *best-seller*¹, que foi publicada em outras 13 diferentes línguas (Brands, 2023).

Já no prefácio “A Atualidade do Mundo de Carolina”, Audálio Dantas retoma a sua trajetória de encontro com Carolina. Logo no início de sua carreira, quando foi mandado ao Canindé para escrever sobre o crescimento desordenado da favela, que se espalhava até as margens do Rio Tietê, desistindo da ideia de fazer apenas uma publicação quase que simultaneamente ao ouvir os relatos da futura autora. Levado por ela até seu barracão, é surpreendido por 25 versões dos diários de Carolina, decidindo então editar este material, sem alterar a ortografia e publicá-lo, em um primeiro momento, de forma fragmentada nas revistas “Folha da Noite”, em 1958, e “O Cruzeiro”, em 1959 (Brands, 2023).

Após as publicações de trechos selecionados dos diários de Carolina, Audálio na posição de editor, revisa novamente os textos e seleciona os fragmentos mais profundos e marcantes dos escritos para compor uma nova edição, agora em formato de livro publicado no ano de 1960. Tamanho impacto alcançado pelo livro, rendendo mais de 100 mil exemplares no ano de sua publicação. Toda essa venda de livros foi capaz de, não apenas

alterar a situação econômica da autora e seus filhos, que enfim passaram para a tão sonhada casa de alvenaria, apresentando-se como material indispensável para as discussões da pobreza e das privações urbanas, continua atual, expondo a realidade dos inúmeros quartos de despejo do país.

Por sua vez Josué de Castro, em “Geografia da Fome - O Dilema Brasileiro: Pão ou Aço” (2022), com sua primeira edição lançada em 1943, aprofundada e publicada novamente ao final da década de 1950, divide o Brasil em cinco regiões alimentares, cada uma delas possuindo uma expressão da fome, sendo elas a Áreas da Amazônia, Área da Mata do Nordeste, Área do Sertão do Nordeste, Área do Centro-Oeste e Área do Extremo Sul, as três primeiras dizendo respeito a fome crônica e as demais sendo áreas de subnutrição. Após retratar e caracterizar todas as regiões, o autor abrange em sua pesquisa o panorama geral do país, apontando as principais causas da fome no país e como solucionar tal fenômeno.

Quanto ao prefácio deixado pelo autor, Josué apresenta os parâmetros gerais que circundam sua obra e a motivação que o impulsionou a escrevê-la, evidenciando, já de início, a escassez de trabalhos publicados que estudam a fome, indagando as razões que estão por trás desta insuficiência de trabalhos, mesmo que se tratando de um fenômeno mundial, razões estas que estão ligadas as noções culturais, políticas e econômicas da civilização que coloram a fome em um patamar de tabu. Para mais, expõem também que com a evolução social ocorrida até a época da formulação do livro, em 1946, já havia se tornado possível realizar estudos nutricionais de forma científica, o que se mostrou através da Conferência Alimentar de *Hot Springs* de 1943, que reuniu 44 países e os levou a tratar sobre temas como a fome e subnutrição populacional (Brands, 2023).

Com isso, Josué direcionou a pesquisa de seu livro para os hábitos alimentares das populações e suas determinadas áreas geográficas, para assim tentar evidenciar as razões naturais e sociais que influenciam na alimentação destas pessoas, bem como apresentar a forma que se dá a carência nutricional, para que, assim, possa expor como estas necessidades induzem a estrutura econômico-social nestas áreas. Ademais, é deixado claro que o objeto central do estudo diz respeito à fome coletiva, endêmica ou epidêmica, e não a fome individual, expressando como se dá o fenômeno da fome e suas características para cada região geográfica delimitada pelo autor (Brands, 2023).

Finalizada a breve apresentação de ambas as obras, ao uni-las para traçar um novo paralelo com a elaboração do *metatexto*, chegou-se a três pontos de destaque centrais que as atravessam. São estes resultados (I) a exatidão alimentícia listada no livro acadêmico

presente na realidade da população residente no Canindé, (II) a denúncia da situação de fome como causa política produzida por Carolina e Josué, e (III) a manutenção de uma estrutura perpetuadora da fome no Brasil ao longo dos últimos 75 anos, constatada em conjunto com o “Atlas das Situações Alimentares no Brasil” (2021).

Adentrando com maior detalhamento cada um destes produtos, levando em consideração que São Paulo, onde Carolina narra seu duelo constante com a fome, na divisão de Castro (2022) está inserido na Região Extremo Sul, uma das áreas de subnutrição. Partindo disso, ao se falar do quadro alimentar preciso disposto nos livros, este obteve-se por meio da comparação entre os alimentos consumidos pela autora e seus filhos e os principais gêneros alimentícios listados por Josué (2022) presentes na alimentação dos habitantes da região.

Ao todo foram levantados e contabilizados na dieta de Carolina 57 diferentes alimentos no decorrer de sua narrativa, sendo os cinco citados com maior frequência, entendidos como de maior presença no consumo alimentar, arroz, feijão, pão, carne e ossos, havendo demais gêneros como leite, ovos, batatas, tomate, rim, bofe¹, macarrão, gordura, café, cabeça de porco, chouriço² e até mesmo bucho de vaca, em menor escala de consumo. Levantamento que, para auxiliar na visualização do quadro geral dos alimentos citados, desenvolveu-se uma nuvem de palavras, Figura 04, em que é possível distinguir os alimentos que aparecem em maior e menor número.

Destes, ao retomar os escritos de Josué de Castro (2022), identifica-se como correspondentes o arroz, pão, carne e batata, este último de presença menos acentuada, da alimentação da família Jesus aos quatro tipos de alimentos principais da Região Extremo Sul, que no caso são, justamente, arroz, batata, carne e pão. Deste modo, é possível confirmar que a visão teórica construída em “Geografia da Fome” (2020) assemelha-se assertivamente com os relatos de habitantes favelizados de São Paulo.

¹ Visceras de animais.

² Linguiça feita a base de carne animal, especialmente de suínos, gordura e sangue.



Figura 04 - Nuvem de palavras dos alimentos citados por Carolina Maria de Jesus.

Fonte: Brands, 2023.

No segundo resultado, referente à situação de fome, ambos os autores apresentam visões críticas, com denúncias a respeito da problemática das condições sociais dos pobres e especialmente no que se refere à alimentação. Carolina Maria de Jesus, apesar de privada do ensino formal, apresenta um retrato real e contundente acerca da vida dos pobres nas periferias brasileiras, denunciando, sobretudo, a fome, tema extensivamente debatido por Josué de Castro, enquanto cientista e autoridade política nos principais órgãos nacionais e internacionais.

Ambos os autores, independente da divergência do nível de ensino, desenvolveram um raciocínio similar, associado, em que atribuem à esfera política a responsabilidade do problema da fome, mesmo que através de percepções distintas. Josué de Castro atribuiu à distribuição desigual dos alimentos o problema da fome no Brasil e no mundo, isto é, uma questão política e econômica, no qual, são os pobres, habitantes das favelas, tal Carolina Maria de Jesus, os mais impactados.

O caráter político imbricado na questão da pobreza e da fome pode ser identificado em passagens da obra de Carolina Maria de Jesus da seguinte maneira:

(...) O tenente interessou-se pela educação dos meus filhos. Disse-me que a favela é um ambiente propenso, que as pessoas tem mais possibilidades de delinquir do que tornar-se útil à pátria e ao país. Pensei: Se ele sabe disto, porque não faz um relatório e envia para os políticos? O senhor Janio Quadros, o Kubstcheck e o Dr. Adhemar de Barros? Agora falar pra mim, que sou uma pobre lixeira. Não posso resolver nem as minhas dificuldades (Jesus, 2020, p. 29).

Ou por exemplo, no trecho em que argumenta:

[...] Os vizinhos de alvenaria já tentaram com abalo assinado retirar os favelados. Mas não conseguiram. Os vizinhos das casas de tijolos diz:

-Os políticos protegem os favelados.

Quem nos protege é o povo e os Vicentinos. Os políticos só aparecem aqui nas épocas eleitorais. O senhor Cantidio Sampaio quando era vereador em 1953 passava os domingos aqui na favela. Ele era tão agradável. Tomava nosso café, bebia nas nossas xícaras. Ele nos dirigia as suas frases de viludo. Brincava com nossas crianças. Deixou boas impressões por aqui e quando candidatou-se a deputado venceu. Mas na Câmara dos Deputados não criou um projeto para beneficiar o favelado. Não nos visitou mais (Jesus, 2020, p. 32).

Seguido por momentos em que expressa sua revolta:

Eu amanheci nervosa. Porque eu queria ficar em casa, mas eu não tinha nada para comer. ... Eu não ia comer porque o pão era pouco. Será que é só eu que levo esta vida? O que posso esperar do futuro? Um leito em Campos do Jordão. Eu quando estou com fome quero matar o Janio, quero enforcar o Adhemar e queimar o Juscelino. As dificuldades corta o afeto do povo pelos políticos (Jesus, 2020, p. 33).

Ou ainda:

[...] O povo não sabe revoltar-se. Deviam ir no Palácio do Ibirapuera e na Assembleia e dar uma surra nestes políticos alinhavados que não sabem administrar o país.
Estou triste porque não tenho nada para comer.
Não sei como havemos de fazer. Se a gente trabalha passa fome, se não trabalha passa fome (Jesus, 2020, p. 129).

Embora Carolina Maria de Jesus atribuisse a culpa às figuras políticas, de certa maneira, a autora demonstra, a partir da própria experiência de escassez, a natureza política e econômica do problema da pobreza. Josué de Castro aponta que o sistema político de maneira geral, dentro do sistema econômico capitalista, é o catalisador das desigualdades socioespaciais que assolam o mundo ainda hoje. De acordo com o autor, mesmo com a capacidade de incrementar um desenvolvimento econômico equitativo, “[...] através de uma melhor distribuição da riqueza e de um mais justo critério de desenvolvimento nas diferentes regiões e nos diferentes setores das atividades econômicas do país” (Castro, 2022, p. 202), isso não ocorre.

Isso não ocorre em virtude de uma minoria economicamente favorecida, que controla o sistema político e econômico, permitindo que uma enorme massa de pobres e famélicos se desenvolva pelo planeta. Este posicionamento político e social de Josué de Castro, que se pautava em denunciar e minimizar situações como a de Carolina Maria de Jesus, foi fortemente repelida no Brasil na década de 1960, resultando com o exílio e posteriormente a morte do autor em 1973 na França. Como pontua Castro (2022), “[...], essa situação de

desajustamento econômico e social foi consequência da inaptidão do Estado político para servir de poder equilibrante entre os interesses privados e o interesse coletivo" (Castro, 2022, p. 287). De forma que é mantida a estrutura de investimentos a setores já desenvolvidos, sem desviar grandes parcelas para a reestruturação de setores em carência, agravando a concentração de riquezas e disparidades sociais que poderiam ser reparadas, e não apenas apaziguadas, mediante uma reforma agrária.

Além disso, as realidades próximas concebidas nos livros relacionam-se também devido as obras serem contemporâneas uma à outra, o que, posteriormente, levou Josué a reconhecer o conhecimento de Carolina em discurso realizado em novembro de 1960 (Castro, 2007), enaltecendo o entendimento da autora em relação às questões sociais que permeiam o país. Ademais, tais escritos se consagraram atemporalmente como documentos de estudos da fome, ainda utilizados nas pesquisas do fenômeno devido a manutenção da estrutura da fome, como demonstra o terceiro resultado.

Adquirido ao se conhecer os aspectos gerais da fome no Brasil durante os anos de 1960, presentes nos livros utilizados, e relacioná-los com o contexto atual, delineado a partir dos dados presentes no "Atlas das Situações Alimentares do Brasil: A disponibilidade domiciliar de alimentos e a fome no Brasil contemporâneo" (Ribeiro Junior *et al.*, 2021). Trabalho científico que exprime tanto as situações de fome, quanto as de risco de fome, ligadas a inacessibilidade dos gêneros alimentícios em relação aos domicílios.

Trazendo os estados de São Paulo e Bahia como sendo os de maiores índices de domicílios em situação de fome, e as Regiões Norte e Nordeste com as maiores taxas de residências em risco de fome. De forma que seja possível de se visualizar a perpetuação da fome, que pouco se alterou nas regiões brasileiras em mais de 70 anos, "[...] comprovando que o Brasil mantém a sua "estrutura da fome" que está diretamente atrelada à desigualdade social histórica existente no país." (Brands, 2023, p. 83).

Portanto, as duas obras, em diferentes contextos, literário e acadêmico, apontam simultaneamente para uma mesma realidade impregnada a muito no cenário brasileiro: a da fome. Carolina Maria de Jesus, à sua maneira, exprime de forma crua e profunda, a problemática da pobreza, a partir da sua dimensão mais dramática e cruel, a fome. Essa realidade de privação de alimentos no país é uma chaga que vem a muito sendo debatida, como mostram os trabalhos políticos de Josué de Castro, no entanto sem ainda ser solucionada.

Para mais, o "Atlas das Situações Alimentares do Brasil" (2021), publicado recentemente, evidencia, por meio de seus dados, essa exata realidade que foi posta no

cenário literário popular por Carolina Maria de Jesus, e na esfera acadêmica por Josué de Castro, perdurando por mais de décadas no país. E, é por essa perspectiva que a Literatura, enquanto expressão da realidade, fornece subsídios para a Geografia, sobretudo nas questões sociais, que norteiam as análises e pesquisas do campo da Geografia Crítica.

Dados que demonstram uma realidade semelhante à presente nos livros de Carolina Maria de Jesus (2020) e de Josué de Castro (2022) comprovando que o Brasil mantém a sua “estrutura da fome” que está diretamente atrelada a desigualdade social histórica existente no país. Para além disso, entende-se que este problema estrutural também está unido a fatores de raça e gênero, já que “[...] a fome e o risco de fome também estão mais presentes nos domicílios cujas pessoas de referência são mulheres ou pessoas pretas e pardas.” (Ribeiro Junior et. al., 2021, p. 98), outro aspecto que atravessa Carolina Maria de Jesus.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, ao findar toda a teoria e metodologia empregada na pesquisa, é inegável o vínculo existente entre Geografia e Literatura, anterior até mesmo do que a instituição de uma Geografia Científica. Além disso, comprova-se que ela, desde a era Pré-Científica, passando pelas diversas correntes existentes, até os dias atuais, se altera a fim de abarcar as novas demandas, evoluindo em conjunto com a sociedade, sendo extremamente mutável, oferecendo grande potencialidade aos novos estudos geográficos-literários.

Fator este que se dá não apenas pelas características que envolvem a Geografia e os estudos do espaço geográfico, mas também pela Literatura, que reflete a realidade e promove conhecimento de sentimentos e da sociedade (Candido, 1995). Dessa forma, ao unir ambas as áreas, especificamente a Geografia Crítica à Literatura, por meio do conceito de Direito à Literatura de Antonio Candido (1995), visto que os dois focam em aspectos sociais, pode-se trabalhar no fortalecimento deste paralelo com os livros “Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada” (2020) e “Geografia da Fome” (2022).

Obras que, como constatado nos resultados listados anteriormente, com o uso da ATD e formulação do *metatexto*, se vincularam e expressaram três elos centrais, fortalecendo a premissa da potencialidade dos estudos literários em um contexto geográfico. Ocasionando nas associações de (I) precisão do quadro alimentar descrito nos livros, (II) denúncia da fome como fator de decisão de um sistema político, e da (III) manutenção da estrutura da

fome no país, desde os anos de 1960, até a contemporaneidade, conforme dados recentes do “Atlas das Situações Alimentares no Brasil” (Ribeiro Junior *et al.*, 2021).

Os três resultados centrais alcançados na última etapa da ATD foram: o primeiro referente a realidade alimentar cotidiana da família de Carolina refletida com exatidão em “Geografia da Fome” (2022), tanto pelo consumo de carne, pão, arroz e feijão, que são os principais produtos pontuados por Josué para a Região do Extremo Sul que compõem parte considerável da alimentação de Carolina e seus filhos, quanto da configuração alimentar de subnutrição presente nas áreas periféricas constatadas nos livros.

O segundo ponto de convergência entre as obras seriam a denúncia a situação de fome, em que a vítima do fenômeno e o pesquisador conseguem obter um raciocínio semelhante chegando à mesma conclusão, a fome nada mais é do que um fenômeno resultante das escolhas políticas realizadas pelos governos que governam em prol dos interesses de uma minoria economicamente dominante.

Por fim, o terceiro resultado seria a manutenção desta “estrutura da fome”, que é constatada ao analisar os aspectos gerais de “Quarto de Despejo” (2020) e “Geografia da Fome” (2022), que podem ser consideradas obras contemporâneas devido aos seus respectivos anos de publicação, correlacionando-as com o “Atlas da Situações Alimentares no Brasil” publicado em 2021 que expõem a permanência do mesmo quadro alimentar tido 75 anos antes, como visto no ano 1946 com o livro de Josué (2022).

E, através destes dois livros e dos resultados adquiridos no decorrer da pesquisa, pode-se exprimir uma pequena parcela do vasto potencial que ainda há de ser explorado dentro das perspectivas geográfico-literárias, levando em consideração os inúmeros títulos, nacionais ou internacionais, que possibilitam novas abordagens pela Geografia. Dessa forma, legitimando uma ampliação do uso da Literatura dentro da ciência geográfica, a qual é capaz de “[...] corroborar pela luta ao acesso à Literatura” (Brands, 2023, p. 85), expandindo o arcabouço das lutas sociais.

Por último, ao pensar dentro dessa visão de novas pesquisas a serem desenvolvidas pela Geografia Literária, considerando o potencial exploratório existente ao se trabalhar com “Quarto de Despejo” (2020), ou com o Direito à Literatura (Candido, 1995), tem-se algumas temáticas de pesquisa que podem ter continuidade oriundas deste trabalho de graduação. São exemplos destas motivações futuras estudos como: 1) O potencial humanizador da literatura para Carolina Maria de Jesus; 2) A privação alimentar e seu reflexo na realidade de mulheres negras, com recorte para os escritos de Carolina; e 3) O uso da Literatura Social para tratar de assuntos políticos e humanitários em Geografia.

Por fim, ressalta-se que os resultados comprovam, decisivamente, o potencial científico que a Literatura pode promover nas pesquisas de Geografia, abrindo novas perspectivas para estudos futuros levando em consideração o grande aporte literário existente nacional e internacionalmente que tratam de assuntos geográficos. Considerando ainda que, se a Geografia é mutável e evolui conforme as demandas sociais e se o Direito à Literatura, composto por um bem compressível muito contestado ao se falar das necessidades humanas, não seria, então, desejável na Geografia estudos que visem corroborar pela luta ao acesso à Literatura, tão negligenciada em um país onde os livros são artigos ainda tão inacessíveis a grande parcela da população?

REFERÊNCIAS

- ALVES, F. D.; NETO, D. P. O Legado Teórico-Metodológico de Karl Ritter: Contribuições para a sistematização da Geografia. **Geo UERJ**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 20, p.48-63, 2009.
- BECKER, E. L. S. **História do Pensamento Geográfico**. Santa Maria: Centro Universitário Franciscano, 2006. 111p.
- BRANDS, A. R. **A Fome em Carolina Maria de Jesus e Josué de Castro: Entrelaçamentos entre Geografia Literária e Geografia Crítica**. 2023. 89 f. Monografia (Trabalho de Graduação em Geografia) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2023.
- BOSI, A. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2022. 567p.
- CANDIDO, A. **Vários Escritos**. 3. ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1995. 358p.
- CASTRO, J. Quarto de Despejo. In: MELO, M. M; NEVES, T. C. W. (org.). **Perfis Parlamentares: Josué de Castro**. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2007.
- CASTRO, J. **Geografia da Fome - O Dilema Brasileiro: Pão ou aço**. São Paulo: Todavia, 2022. 394p.
- CAVALCANTI, A. P. B; VIADANA, A. G. Fundamentos Históricos da Geografia: Contribuições do pensamento filosófico na Grécia Antiga. In: GODOY, P. R. T. (org). **História do Pensamento Geográfico e Epistemologia em Geografia**. São Paulo. Editora UNESP, 2010.
- COUTINHO, A. **A Literatura no Brasil: Introdução Geral**. 7. São Paulo: Global Editora e Distribuidora Ltda, 2004. 470p.
- JESUS, C. M. **Quarto de Despejo: Diário de uma favelada**. São Paulo: Editora Ática, 2020. 199p.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros Textuais:** Definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. Gêneros textuais e Ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARCUSCHI, L. A. **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão.** São Paulo: Parábola, 2008. 295p.

MONTEIRO, C. A. F. **O Mapa e a Trama:** Ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações românicas. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002. 242p.

MORAES, A. C. R. **Geografia Pequena História Crítica.** São Paulo: Editora HUCITEC, 1981.143p.

MORAES, R; GALIAZZI, M. C. **Análise Textual Discursiva.** Ijuí: Editora Unijuí, 2016. 264p.

RIBEIRO JUNIOR, J. R. S; SAMPAIO, M. A. P; BANDONI, D. H; CARLI, L. L. S. **Atlas das Situações Alimentares no Brasil:** A disponibilidade domiciliar de alimentos e a fome no Brasil contemporâneo. Bragança Paulista: Universidade São Francisco - UFS, 2021.

SUZUKI, J. C. Geografia e Literatura: Abordagens e Enfoques Contemporâneos. **Revista Centro de Pesquisa e Formação.** Bela Vista, n. 5, p. 130-147, 2017.

Recebido: 04/10/2024
Aceito: 28/11/2025